



Acta Scientiarum. Language and Culture

ISSN: 1983-4675

ISSN: 1983-4683

actalan@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Karolina Lima-Duarte, Flávia; Viana Gaia, Rossana
Literacy reading as place of freedom in an incarcerating
environment: reflection possibilities on social problems
Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 42, no. 1, 2020, -June
Universidade Estadual de Maringá
Maringá, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v42i1.47837>

Available in: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307464863001>

- ▶ How to cite
- ▶ Complete issue
- ▶ More information about this article
- ▶ Journal's webpage in redalyc.org

redalyc.org

Scientific Information System Redalyc

Network of Scientific Journals from Latin America and the Caribbean, Spain and
Portugal

Project academic non-profit, developed under the open access initiative



A leitura literária como lugar de liberdade em um ambiente de encarceramento: possibilidade de reflexão sobre problemas sociais

Flávia Karolina Lima-Duarte* e Rossana Viana Gaia

Instituto Federal de Alagoas, Avenida do Ferroviário, 530, 57020-600, Maceió, Alagoas, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: flaviakarolinalima@gmail.com

RESUMO. Este artigo resultou de pesquisa de iniciação científica (PIBIC) cujo objetivo foi contribuir com o letramento literário de adolescentes encarceradas em uma Unidade de Internação Feminina (UIF). O referencial teórico está representado pelos estudos na área do letramento literário. A metodologia, de natureza qualitativa, do tipo estudo de caso, incluiu realizar leitura de texto motivador e produção textual com fragmentos de memórias, selecionar imagens indicadas pelas adolescentes, realizar oficina lúdica para capas dos cadernos de memórias, organizar rodas de conversa sobre o texto literário selecionado, ampliar a leitura com diálogos e escritas para coleta e geração de dados. Após etapas de leitura e conversas sobre a obra literária *Becos da memória*, de Conceição Evaristo, foram produzidos textos pelas adolescentes em situação de encarceramento, sobre suas histórias de vida. Os resultados indicaram interesse por parte das internas na leitura literária e na escrita de texto autobiográfico memorialístico, com base nas lembranças pessoais dos lugares onde moravam a partir do imbricamento entre literatura e vida real. Concluiu-se que o livro selecionado lhes possibilitou refletir sobre seus contextos, ativou memórias afetivas e favoreceu escritas significativas.

Palavras-chave: letramento literário; ensino da língua portuguesa; unidade de internação feminina.

Literacy reading as place of freedom in an incarcerating environment: reflection possibilities on social problems

ABSTRACT. This article was the result of a scientific initiation research (PIBIC) whose aim was to contribute to the literary literacy of adolescents incarcerated in a Female Imprisonment Unit (FIU). The theoretical framework is represented by studies in the field of literary literacy. The methodology, of a qualitative nature, as a case study, included to read motivational texts and to writ productions with fragments of memories, to select images indicated by the adolescents, to hold a leisure workshop to produce the notebooks covers, to organize conversation circles about the selected literary text, to expand the reading with dialogues and writing compositions for collection and generation of data. After steeps of reading and talks about the book *Becos da memoria*, by Conceição Evaristo, texts were produced by the adolescents in circumstances of imprisonment about to their own life stories. The results indicated interest from the internals in the literary reading and the writing of recorded autobiographical texts, based on the personal memories of the places where they lived, so they could connect literature and real life. It was concluded that the selected book helped them to reflect on their contexts, activated affective memories and had favoured significant written.

Keywords: literary literacy; teaching of portuguese language; women's imprisonment.

Received on May 7, 2019.
Accepted on March 25, 2020.

Introdução*

O estudo permanente é inerente à atividade docente, sendo a leitura literária uma prática que pode seguir da vida para a sala de aula e retornar da aula para a vida com novos dimensionamentos, numa práxis

* Este artigo resultou da segunda etapa de uma Pesquisa de Iniciação Científica (Pibic/Ifal), possível com aporte financeiro de bolsa de estudos pela Pró-Reitoria de Pesquisa do Instituto Federal de Alagoas e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (Fapeal) realizada entre agosto de 2017 a julho de 2018, com participação ativa da bolsista Camila Santos Andrade. As pesquisadoras tiveram indicações de literatura da profa. Dra. Cleusa Cleusa Salvina Ramos Maurício Barbosa, informações de alta relevância para a pesquisa.

contínua. A forma como as relações interpessoais ocorrem no ambiente da sala de aula são determinantes para garantir aprendizagens significativas, ou meras repetições de conteúdo. No caso específico das ações desenvolvidas, durante dois anos na Unidade de Internação Feminina de Maceió, esta pesquisa constatou que maior é o interesse e a concentração dos sujeitos, quanto maior for a relação do texto literário com as suas vidas (Andrade, Torres-Filho, & Lima-Duarte 2018; Lima-Duarte, Gaia, & Torres-Filho, 2017; Torres-Filho, Lima-Duarte, & Gaia, 2016).

Esse artigo resultou de projeto de Pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC) cujo objetivo foi contribuir com o letramento literário. As participantes da pesquisa foram adolescentes em conflito com a lei, de 12 a 18 anos, que cumpriam medidas socioeducativas na cidade de Maceió no âmbito de uma Unidade de Internação Feminina (UIF).

A percepção de que a leitura favorece maior autonomia do sujeito possibilitou a seguinte questão norteadora neste estudo: Como o ensino de literatura pode contribuir para que adolescentes em situação de encarceramento tenham a possibilidade de refletir sobre seus contextos? A leitura possibilita que as pessoas pensem sobre suas vidas, contudo, o problema desta pesquisa está relacionado ao público, isto é, todas as adolescentes participantes desde projeto de pesquisa, não frequentavam a escola antes de serem levadas à UIF, portanto, não possuíam o hábito de leitura literária. Quando chegaram ao sistema socioeducativo, passaram a ter contato com *best-seller* e livros religiosos, posto que estes estavam disponíveis na instituição, dado coletado nos momentos de rodas de leitura e escrita.

Diante do exposto, sentiu-se a necessidade de investigar estratégias metodológicas para aproximar as participantes deste projeto de pesquisa à literatura marginal/periférica que, elas não apreciavam, mas dizem muito sobre suas vidas. Considerando o local na qual a pesquisa se desenvolveu, foi selecionada a obra *Becos da memória*, de Conceição Evaristo (2017), narrativa construída no final dos anos 1980, mas que mantém forte vínculo com as problemáticas cotidianas atuais.

Foram três as razões para escolha deste livro, especificamente: (i) o conteúdo literário aborda questões aproximadas ao grupo no qual atuamos, tais como: preconceitos, violências, ausência de moradia, exclusão social entre outros; (ii) trata-se de um livro de memórias, cuja forma de narrativa estimula o grupo a recuperar e escrever suas próprias histórias; (iii) todas as famílias das adolescentes moravam em favelas, grotas ou áreas de invasão. Deste modo, por ser uma narrativa memorialista que conta a história dos moradores de uma favela expulsos do seu local de moradia, uma das hipóteses com a qual trabalhamos, e que se confirmou, foi a de que as adolescentes se identificariam, por também estarem afastadas de suas casas.

Nesse sentido, o estudo teve como objetivo o estímulo da leitura literária e da escrita autobiográfica, o que exigiu reflexão acerca dos múltiplos aspectos da memória na prática de leitura literária que abordou aspectos complexos da contemporaneidade.

Os (des)caminhos da leitura literária: entra em beco, sai em beco

Um dos grandes problemas que afeta a atualidade nas salas de aula é o interesse limitado por leitura literária, o que pode estar relacionado aos modos como os livros são apresentados aos estudantes. Uma das ações que contribuem para esse agravante trata-se da reorganização do livro didático para atender a novas concepções de linguagem, que enfocam o ensino de gêneros textuais diversos (bulas, receitas, roteiros, folders, publicidade, entre outros). Cosson (2017) elabora uma crítica acerca da diluição de textos relevantes nesses livros do ambiente escolar, ainda válida, pois se verificou nos livros disponíveis no Programa Nacional do Livro Didático 2018 (PNLD), uma série diversificada de informações acerca de obras canônicas, de forma fragmentada. Se no tempo regular da aula, em espaço formal ou informal, o acesso às obras citadas não ocorre em material físico ou virtual, torna-se pertinente esta observação.

Até a década de 1990, as escolas públicas tinham dois professores na área de linguagens: um para ministrar a disciplina Língua Portuguesa e outro para Literatura. Atualmente, quase todos os estados juntaram essas disciplinas e transformaram-nas em apenas uma, o que pode causar problemas no sentido de que, se o professor for mais propenso a uma das áreas, poderá omitir aspectos relevantes do ensino da outra, em suas aulas. Verifica-se que essa mesma questão circula nos ambientes dos cursos de licenciatura, espaço de formação do professor de Língua Portuguesa.

Nessa mesma perspectiva, Rezende (2018) questiona o que se ensina quando se ensina literatura e constata que esta prática ocorre de forma restritiva, sempre abordando os mesmos escritores, obras e características. Ademais, o livro didático ou apostila pode engessar o professor, quando há exigência

institucional, por não possibilitar abordagens diferenciadas. Verifica-se, em geral, atividade com respostas predeterminadas pelo autor do livro/apostila, aos quais os estudantes e professores deverão se adaptar. Isso faz com que o ensino de literatura se assemelhe com o 'tradicional', posto que, apesar das novas possibilidades indicadas no livro didático, estudos como o de Rezende (2018) indicam limites do professor e/ou da instituição em aplicá-las.

Como possibilidade de prática de ensino que contemple a leitura literária, destaca-se o entendimento de Cosson (2017) ao indicar a importância de alinhar o sistema de ensino com a sua finalidade, pois possibilita que a leitura do texto considere as condições de produção. Quando utiliza o texto literário como base de reflexão, cabe ao professor refletir sobre o risco de se transformar em 'filósofo livresco', como indicou Schopenhauer [1788-1860] no seu clássico *A arte de escrever* (Schopenhauer, 2017, p. 46), pois nessa perspectiva se limita a indicar que um autor x pensa de um modo e um autor y pensa de modo diferenciado, limitando-se a ser um comparador de textos. O alerta de Schopenhauer é relevante ao indicar que sentar e ler não significa sentar e pensar.

Diante do exposto, esta pesquisa propôs o letramento literário a adolescentes que estão em situação de encarceramento. Trabalha-se neste artigo com esta concepção, o que inclui aumentar a consciência crítica das leitoras e ampliar o debate sobre identificações sociais (Cosson, 2015).

Na metodologia, a partir do estudo de caso, uma decisão relevante foi selecionar um livro alinhado ao interesse das participantes e considerar a particularidade do grupo, de modo que a leitura proporcionasse reflexão sobre suas vidas. A leitura do livro *Becos das memórias*, de Evaristo (2017), em que a autora reflete sobre os problemas sociais que afetaram sua infância, contribuiu para o letramento literário das adolescentes, com aproximação da escrita memorialística (Andrade et al., 2018; Lima-Duarte et al., 2017).

Ao longo da experiência didática, houve uma aproximação entre a obra e as leitoras, para que se identificassem como autoras de sua própria história e pudessem refletir criticamente sobre a realidade. Consoante com Rouxel (2012), destaca-se a importância de identificar o desvio tecnicista da leitura, preso à análise textual e a modelos de competência de leitura, distantes do processo de fruição da leitura literária ou mesmo que aborde criticamente a obra e favoreça a reflexão. No desenvolvimento deste estudo, ainda que, inicialmente, não tenha se verificado uma percepção crítica, constatam-se opiniões e questionamentos acerca da obra e da própria existência.

Dessa forma, o presente estudo indica que o letramento literário favorece a construção de identidades positivas às adolescentes da UIF, porque além de ler, elas tiveram a possibilidade de escrever e reviver suas memórias.

Procedimentos metodológicos de coleta e geração de dados: sobre as rodas de leitura e escrita

Esta pesquisa aplicada resulta de estudos anteriores em que o ensino do gênero confessional diário foi desenvolvido em uma Unidade de Internação Feminina em Maceió (Lima-Duarte et al., 2017). Nesta nova etapa, como resultado das reflexões teórico-práticas, decidiu-se dar continuidade aos trabalhos, ainda com foco no ensino de gêneros (auto) biográficos, com ênfase no memorialístico.

De acordo com Creswell (2014, p. 105), no estudo de caso “[...] os pesquisadores exploram uma questão ou um problema, construindo assim uma compreensão detalhada a partir do exame de um caso ou vários casos”. Para Paiva (2019, p. 65), o estudo de caso “[...] é um tipo de pesquisa que investiga um caso particular constituído de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos em um contexto específico”. Por se tratar de um ambiente de encarceramento, dentre as possíveis abordagens que compõem a pesquisa qualitativa, esta pesquisa se enquadra nesta perspectiva, pois possibilita análise detalhada desse grupo específico.

Esta Unidade de Internação Feminina (UIF) na qual fomos autorizados a atuar é uma das instituições responsáveis pela aplicação da medida socioeducativa na cidade de Maceió. A UIF é um estabelecimento que abriga adolescentes em conflito com a lei, de 12 até 18 anos incompletos, em privação de liberdade, mas que possuem acesso a atividades educativas, incluindo a escolarização regular através da Escola Estadual Educador Paulo Jorge dos Santos Rodrigues que adentra os muros das instituições socioeducativas no estado e contribui no processo de socialização das adolescentes. Além disso, há outras atividades educativas, como práticas artesanais, musicais e religiosas, que possibilitam novas aprendizagens às alunas internas e nas quais essa investigação se inseriu.

Todas as pesquisas que ocorrem nesses ambientes exigem autorização do Juizado da Infância da Capital, que responde legalmente pelas adolescentes. Fez-se necessário também o consentimento dos gestores da UIF e das direções geral e de pesquisa do *Campus Maceió*. Conforme determina a ética na pesquisa, todos os nomes das participantes registrados no artigo são fictícios.

O primeiro contato com esse grupo de adolescentes foi em novembro de 2017, através da exposição do projeto, em que foi relatada a importância da participação delas e a necessidade de lerem o livro *Becos da memória* (Evaristo, 2017) e, a partir disso, escreverem suas memórias. Para que elas pudessem se familiarizar com o gênero (auto)biográfico, foi feita a leitura de uma memória escrita por uma das professoras orientadoras deste estudo. Neste texto a professora recuperou uma das lembranças de sua infância em que relata o convívio com uma vizinha, a índia Belina. Essa abordagem inicial foi fundamental para que elas pudessem se interessar pelo gênero a ser trabalhado, pois apreciaram a atividade.

É consensual a importância da memória na vida das pessoas, sobretudo quando se verifica, em processos analíticos, que as lembranças reprimidas, ou recalques, integram o processo de cura e de autoconhecimento (Almeida, 2014). A capacidade de analisar fatos dolorosos à distância contribui para diminuir a dor das lembranças. Desse modo, recuperar o passado é indispensável para quem trabalha com grupos que necessitam pensar sobre suas histórias de vida, pois a memória não é responsável somente pelas nossas convicções, mas também por nossos sentimentos (Todorov, 2000).

A partir dessa reflexão, as sete adolescentes que participaram desse momento inicial se decidiram a contribuir com esta pesquisa. É importante ressaltar que das sete, duas haviam participado do projeto no ano anterior. Destaca-se também que, na semana seguinte, incluímos mais duas participantes recém-chegadas à Unidade, totalizando nove colaboradoras. A princípio, definiu-se com as adolescentes que as oficinas de leitura aconteceriam às segundas-feiras, após o término das aulas de ensino regular, isto é, das 10:30 às 11:30h da manhã.

Para dar início ao processo de aproximação ao gênero memorialístico, solicitamos que cada uma escrevesse uma lembrança marcante de suas vidas. Neste momento foi identificado que uma das internas estava em fase de alfabetização, sendo necessário auxiliá-la. Em seguida pedimos que cada uma lesse o que escreveu, mas apenas três se sentiram confortáveis em expor suas memórias; as demais preferiram entregar seus manuscritos, o que faz parte do trabalho com este gênero, pois nem todas as pessoas que escrevem, gostam de expor suas vidas a grupos.

Nessa primeira coleta dos dados, percebeu-se que muitas das memórias estavam relacionadas ao tema 'família'. Para exemplificar selecionamos o seguinte registro (Figura 1).

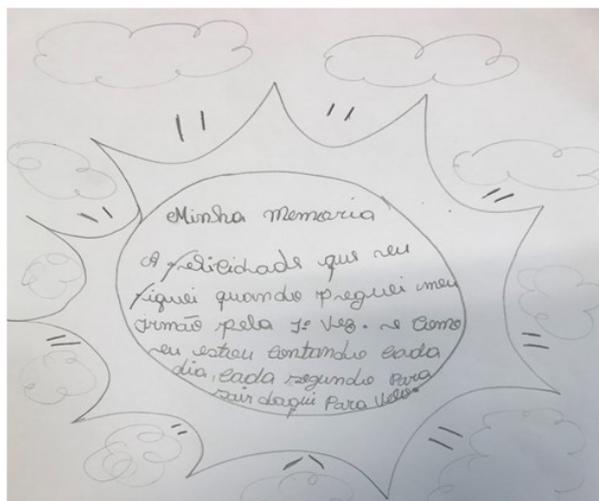


Figura 1. Fragmento da primeira produção textual.

Fonte: Acervo das pesquisadoras.

Observa-se a memória elaborada por Kelly (Figura 1), quando recorda o momento em que pegou seu irmão pela primeira vez. O texto também indica o desejo de revê-lo. É significativo também o fato de ela relacionar essa memória inserida no sol, o que indica a representação do nascimento do irmão como metáfora de luz.

Outro assunto recorrente nessas memórias são os relacionamentos amorosos, que, em sua maioria, integram o início do acesso à criminalidade (Figura 2).

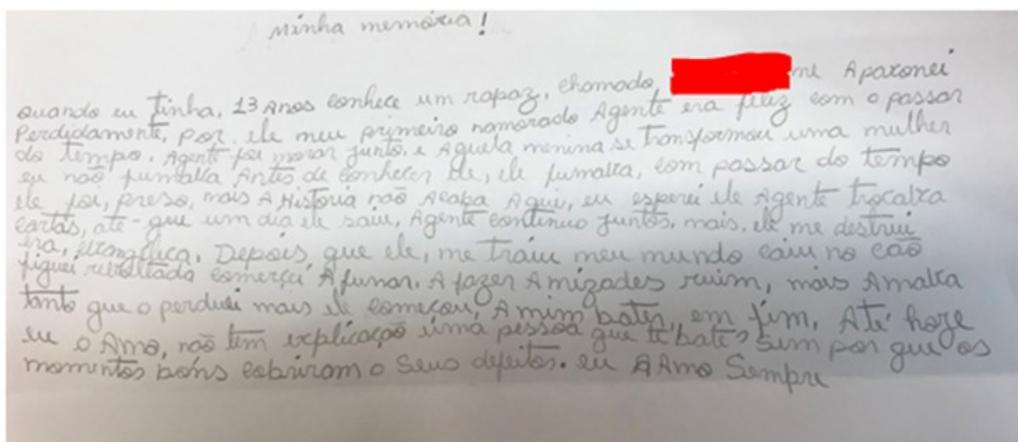


Figura 2. Fragmento da primeira produção textual.

Fonte: Acervo das pesquisadoras.

Marluce (Figura 2) relembra seu relacionamento precoce e conturbado com o primeiro namorado. Esse convívio influenciou negativamente sua vida, pois com ele aprendeu a fumar e, também, passou a visitá-lo na cadeia, ambiente com rotinas rígidas. Lembra também que foi traída e agredida pelo parceiro, mas mesmo assim foi capaz de perdoá-lo. Nessa primeira memória existe a lembrança, mas não há reflexão crítica acerca dos acontecimentos, o que é favorecido pela leitura literária do livro indicado e das rodas de conversa.

Após a análise dos dados iniciais, observou-se a necessidade de fazer uma oficina de reescrita das memórias, pois os textos apresentaram muitos erros básicos de língua portuguesa, o que poderia favorecer o ensino regular. Desse modo, organizou-se uma aula com dicas de português, baseadas nas produções das adolescentes. Destaque-se que, nesta etapa, as internas demonstraram resistência durante as explicações, pois a ideia de ‘aula’ não as agradou.

Com tais problematizações, essa pesquisa nos motivou a refletir acerca da própria noção de aula. Nessa perspectiva, selecionou-se para estudo o livro *A aula*, quando Barthes (1987) registra a epistemologia da palavra “saber” e indica seu vínculo com a palavra ‘sabor’. Pensar a elaboração de uma aula requer entender que seu conteúdo, através da linguagem, transita entre saberes e relações de poder, capazes de estimular a crítica ou negar a dúvida. Para Santos e Inforsato (2011), a aula é uma ação que ocorre tanto na escola quanto no seu ambiente de recreio, ou mesmo além dos muros. Quando a aula acontece em ambientes de restrição da liberdade, várias questões precisam ser pensadas, incluindo o gênero literário a ser abordado e o respeito pela diversidade dos saberes prévios das pessoas que integram o grupo com o qual se interage.

Na ‘aula’ elaborada com as dicas, apesar da resistência inicial, algumas jovens participaram com citação de exemplos e ajudaram durante a explicação, ao demonstrar que conheciam algumas das palavras destacadas, mas que se confundiram na hora de escrever. Um fato curioso que aconteceu nesse dia foi quando se explicou a diferença de ‘a gente’ e ‘agente’; para tanto foi dito que um exemplo do uso de ‘agente’ é o policial. Nesse momento, elas desaprovaram a explicação e demonstraram não gostar da abordagem semântica escolhida. Perguntou-se o porquê dessa rejeição, e explicaram que o policial é visto, no grupo delas, como uma figura ruim. Por ser a segunda semana do projeto, não foi realizada nenhuma intervenção, visto que se tratava de processo inicial de estabelecimento de vínculo e de interação entre as pesquisadoras e as participantes.

Neste mesmo dia, antes de concluir a oficina, foi solicitado que elas escolhessem um nome fictício para preservar suas identidades. Os nomes indicados por elas foram: Nissinha, Branquinha, Duda, Angelina, Kelly, Dani, Marluce e Luzia. Ademais, pediu-se que informassem quais imagens gostariam de ter nas capas dos cadernos de memórias, para que levássemos impressas no encontro seguinte.

Nissinha, Kelly e Angelina disseram que gostariam de ter uma favela como capa, pois consideram que esse lugar as representa. Dani optou por colocar uma foto dela com a filha, pois escreveria sobre esse tema. Branquinha pediu uma foto da Praça do Mapa, em Atalaia, sua cidade natal, e enfatizou que não nos

esquecêssemos disso. Duda escolheu os cantores Maluma e Alex NSC. Marluci escolheu várias imagens (dos cantores Adele, Ed Sheeran, Soja, Pink, Dread Mar I, capa dos filmes *Paixão sem limites*, *Como eu era antes de você*, *Titanic*).

A terceira oficina realizada foi a de customização de capas dos cadernos de memórias, quando o grupo de pesquisadores foi à UIF para uma prática lúdica. Para realização da atividade, houve doação dos materiais utilizados. Durante a entrega das imagens notou-se que Branquinha ficou muito emocionada quando viu a foto da sua cidade (Praça do Mapa), pois retomava um turbilhão de sentimentos. Naquele momento, chorou de saudade da sua cidade e de sua família e se perguntou: “Quando voltarei a minha cidade?”.

As outras internas ficaram felizes ao ver as imagens que pediram. No entanto, notou-se que Duda, ao constatar a quantidade de imagens que Marluci solicitou, ficou chateada por não ter pedido mais. Houve uma breve intervenção para reforçar as solicitações. Foram levadas outras fotos de favela, pois por já termos atuado com esse público, pressupõe-se que outras internas também teriam interesse, o que de fato ocorreu.

Nesta oficina participaram, em colaboração voluntária, uma aluna do curso superior de tecnologia em design de interiores, que ensinou às internas a técnica do café para proteger e deixar o papel mais resistente. Nissinha não pode participar, porque estava em uma audiência, então foi deixada a imagem que ela pediu e o material para que confeccionasse depois. As meninas estavam empolgadas e aproveitaram todas as informações criativas (Figura 3).



Figura 3. Oficina de confecção das capas.

Fonte: Acervo das pesquisadoras.

Na semana seguinte iniciou-se a leitura literária. A doação de sete exemplares da obra foi realizada pelas professoras orientadoras do projeto. O objetivo foi facilitar o acesso à obra e garantir o estímulo à leitura. A organização prévia do processo de conhecimento do grupo, convite para a leitura com a apresentação do projeto e definição de atividades para levantamento dos dados, torna-se fundamental aos que estudam em ambientes com restrição de liberdade.

Essa necessidade de programação antecipada decorre das particularidades quanto aos momentos de uso de lápis e práticas de leituras, pois são disciplinados a partir de determinações internas e com base nas normas da UIF. O próprio acesso e definição do horário de visita decorrem a partir dessas autorizações. Para definir as etapas das oficinas de leitura e escrita, produto detalhado neste artigo, organizou-se um cronograma na primeira reunião de pesquisa (Tabela 1).

Tabela 1. Etapas da pesquisa.

Data	Etapa	Descrição da atividade
14/11/2017	Apresentação do projeto e produção da primeira memória	Exposição, esclarecimento de dúvidas, leitura e produção de uma memória marcante
21/11/2017	Aula com dicas de português	Aula baseada nos erros encontrados nos textos produzidos na oficina anterior
28/11/2017	Confecção das capas dos cadernos de memórias	Personalização das capas dos cadernos
05/12/2017	Apresentação do livro	Introdução, debate sobre as fotos e memória sobre a fotografia do livro
12/12/2017	Leitura e debate sobre o livro	Início da leitura e produção de memórias felizes
09/01/2018	Leitura e produção de memórias	Leitura do livro e produção de memórias sobre o natal e ano novo
18/01/2018	Leitura e debate sobre o livro	Trechos selecionados pelas meninas e produção de texto
25/01/2018	Leitura do livro	Continuação da leitura do livro, produção de memórias tristes e sobre o primeiro dia delas na unidade
08/02/2018	Leitura do livro e produção de memórias	Leitura final do livro, debate sobre as impressões (personagens e contexto). Produção de resenha sobre o livro

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Para incentivar a leitura, o livro foi apresentado às internas, que mostraram interesse na ambientação da narrativa em uma favela. Inicialmente foi mostrada a capa do livro e a leitura do posfácio, para entenderem o contexto da história. Em seguida, iniciou-se um debate sobre o gênero escrita memorialista e as suas diferentes finalidades, sendo uma delas garantir voz àqueles socialmente ignorados.

A partir da leitura das imagens que compõem a capa, as orelhas e as contracapas, pedimos que observassem as fotos e, em seguida, solicitou-se que escolhessem a preferida. Com base nessa escolha, solicitou-se que escrevessem uma memória evocada pela imagem. Para finalizar a roda de conversa nesse dia, foi feita a leitura de um trecho do livro e ficou combinado que, durante a semana, selecionassem uma das memórias do livro para ser compartilhada no encontro seguinte.

No início da roda de leitura e escrita, algumas meninas já tinham começado a escrever no caderno de memórias e sentiram necessidade de reescrever a primeira memória feita, resultado da intervenção sobre a aula com dicas de língua portuguesa. O horário de escrita se dava durante os encontros e em horários específicos, pois a UIF possui regras sobre o uso de lápis, porém isso não interferiu na produção delas.

Como as adolescentes não realizaram atividade de leitura durante a primeira semana, a metodologia foi alterada e passou-se a adotar a roda de leitura e escrita temática em todos os encontros seguintes, o que permaneceu até o final da pesquisa.

Paralelamente a esse trabalho realizado com as socioeducandas, as pesquisadoras fizeram a leitura e análise do próprio livro *Becos da memória*, bem como de estudos realizados sobre a obra (Silva, 2014; Rosito, 2008).

Apesar de a coleta de dados ter incluído escrita de memórias nos cadernos, escritas de memórias temáticas relacionadas ao livro e gravações dos encontros, o *corpus* para análise deste artigo é composto por quatro produções textuais acerca das impressões sobre o livro. A escolha do corpus se deu com base no uso da palavra favela nos textos das socioeducandas; ou seja, tendo em vista que, por delimitação de espaço, neste artigo não seria possível analisar as nove produções, optou-se por aquelas que refletiram sobre suas localidades e sobre os vínculos com a leitura. Esse processo de seleção está relacionado com a nossa hipótese de que as adolescentes gostariam de ler essa obra por possuírem um fascínio por esse espaço geográfico.

Os becos das memórias de adolescentes em privação de liberdade

Conforme exposto na metodologia, esta experiência envolveu não apenas o trabalho com a leitura literária, mas também a escrita de memórias por parte das adolescentes. Assim, para saber quais as impressões sobre a obra, foi solicitado que escrevessem o que gostaram ou não da obra. Na pesquisa foram preservados os dados originais do relato, sem ajustes para a língua padrão, respeitando as formas de expressão, incluindo imagens ou letras em caixa alta.

Nessa perspectiva, Branquinha escreveu que gostou do livro, conforme verificado no trecho a seguir:

Gostei bastante do livro mim indentei com vários personagens, é muito interessante, traz lembranças, logo quando vi o livro gostei quando fala de favela, porque pessoas humildes me interessam bastante. A personagem que mais gostei foi a Ditinha. Gostei de também de trabalhar esse livro com você Camila (Transcrição do trecho da memória de Branquinha, 08/02/2018, sic).

Nesse relato, Branquinha disse que o livro lhe trouxe muitas lembranças e, apesar de não especificá-las, algumas relações ficaram evidentes em sua produção, ao afirmar que sua personagem preferida é a Ditinha. Destaca-se que essa personagem era uma mãe de família com dois filhos, que também cuidava do pai alcoólatra. Trabalhava como empregada doméstica, sempre admirou as joias da patroa, até que um dia furtou uma das pedras preciosas da patroa e a levou para casa. Mesmo arrependida, teve medo de devolvê-la e de ser presa. Como não foi trabalhar, pois temia a polícia, levantou suspeita e foi presa. Passou muito tempo encarcerada e, quando regressou à favela, tentou viver escondida em casa e entregou-se ao vício da bebida, como o pai. Esse comportamento provocou seu isolamento, comparado a um cárcere privado, por medo do julgamento das pessoas da comunidade. No dia do despejo, quando os vizinhos a viram ficaram felizes, começaram a saudá-la, o que lhe provocou emoção. Essa identificação de Branquinha com a personagem revelou um pouco de sua vida.

Assim como a personagem que selecionou, Branquinha também é muito apegada ao pai e foi para a UIF por causa de furto. Segundo relatou, estava com amigas e furtou “por brincadeira” e que se arrepende muito da ação praticada. Por fim, enfatiza-se que a adolescente registrou que gostou da experiência de ler a obra com uma das pesquisadoras, o que revela a importância das rodas de leitura e da metodologia utilizada.

Já a colaboradora Dani enfatizou o misto da relação de tristeza e alegria em suas impressões acerca do livro:

O livro *Becos da Memória* que acabamos de ler fala sobre muitas histórias triste e alegres isso que chamou muito minha atenção pois os livros normalmente fala de alegria ou tristeza mais esse fala dos dois apesar de se falar mais de lembranças tristes esse livro fala de pessoas guerreira trabalhadoras que gostava muito da favela onde residia (Transcrição do trecho da memória de Dani, 08/02/2018, sic).

A transcrição anterior nos remete à compreensão de Rouxel (2012), ao indicar que a leitura de um livro, para um jovem leitor, é sinônimo de ler-se a si mesmo, sobretudo quando ocorre vínculo entre o universo da obra e o universo do leitor. Na pesquisa, constatou-se tal fenômeno, como se verificou nas memórias de Dani, pois foi evidenciada sua reflexão pessoal a partir da leitura da obra, de modo que a empatia chegou ao ponto de confundir a personagem com uma pessoa e de se personalizar:

As histórias são muito emocionantes se algum de nós nos colocarmos no lugar dos personagens dava até para sentir a alegria, tristeza, ou dor, e até mesmo o desespero de muitos pois nem todos para falar a verdade ninguém queria sair da amada favela pois muitos também não tinha onde morar. Nesse livro pude sentir as emoções triste e alegres de todos eles e pude imaginar como seria cada um e até pude me imaginar lá na favela sendo despejada (Transcrição do trecho da memória de Dani, 08/02/2018, sic).

Dani convoca para si os sentimentos de alegria, tristeza e desespero vividos pelas pessoas que integram a obra de Evaristo (2017), pois conforme enfatizou, até se imaginou na situação de despejo. Outra marca importante nos dados da produção de Dani é o destaque com o desenho de um coração, nas duas vezes que escreveu a palavra favela. Esse vínculo remete ao contexto de vida das socioeducandas, visto que todas possuem um sentimento de apreciação, respeito e admiração por esse espaço geográfico.

A estima pelo local pode ser identificada também no texto de Nissinha:

Achei muito interessante as pessoas de favela eram muitos gentios sempre ajudavam as outras. A vó Rita uma mulher de coração enorme ajudava varias pessoas gostei do livro, também fala sobre favela e eu amo favela seja ela qual for principalmente a do Rio de Janeiro a Rocinha, Vale do Reginaldo, A Grota do Sigano, e minha quebrada Rio Largo, Mata do Rolo [área rural próximo ao município de Rio Largo], gostei do senhor bondade, maria nova foi um triste final, mais o importante é que levaram a favela com eles em seus corações. FAVELA AEW RESPEITA O POVO QUE VIVI NELA!! (Transcrição do trecho da memória de Nissinha, 08/02/2018, sic).

A escolha da obra considerou o contexto das colaboradoras (Cosson, 2017) e foi importante para que se aproximassem da história e refletissem sobre seus locais de origem. Ao iniciar sua produção escrita sobre a gentileza das pessoas que moram na favela e ao enfatizar que a vó Rita era uma pessoa bondosa, Nissinha demonstrou que nesse espaço, ficcional e real, há pessoas de bem. Ao mesmo tempo, retomou o contexto da criminalidade em que se insere, ao citar a favela da Rocinha. Nesses dados, identifica-se que há percepção

sobre a presença permanente das lembranças com registros afetivos em nossas vidas, pois inclusive vincula ao trecho literário no qual as personagens mesmo despejadas de sua moradia, levaram a favela em seus corações.

Por fim, observa-se a memória de leitura de Luzia que indica o processo de reconhecimento e apropriação da obra:

Esse livro me marco muito mesmo e a realidade que acontece em todas a favela e esse livro relata muitas coisas que são verídica a maioria das coisas já aconteceu comigo e hoje eu paro pra pensa que não so comigo acontece mais com todos uns de forma e outros de outra mais qualquer forma irá acontecer eu precisava desse livro sabe? Pra ver a realidade eu já via mais não queria ver esse livro me ensentivou muito e agradeço bastante antes não tinha tempo pra ele achava chato sem graça! Mais hoje vejo que não devemos jogar um livro pela capa....

Hoje é nosso ultimo dia e quero agradecer bastante por esses momento e que me inspirei (Transcrição do trecho da memória de Luzia, 08/02/2017, sic).

Por ser um livro com estilo diferente do que as adolescentes estão acostumadas, como as narrativas de *best sellers*, inicialmente houve um processo de resistência e estranhamento, mas, aos poucos, com a participação nas rodas de leitura, houve envolvimento. No relato de memória, Luzia afirma que *Becos da memória* lhe fez enxergar problemas que sempre estiveram presentes em seu cotidiano, mas que ela não conseguia perceber antes da leitura da obra. Nas etapas da pesquisa, notou-se que ocorreu o processo de associação, identificação e, nas palavras de Luzia, de 'inspiração'.

Considerações finais

A aproximação das adolescentes com a obra de Evaristo (2017) foi verificável e resultou do contexto em que a obra foi ambientada, a favela. Contudo, por não ser um *best-seller*, dentro de padrões aos quais às jovens estavam habituadas, esse foi o nosso grande desafio, pois, inicialmente, as adolescentes, não acostumadas com esse tipo de narrativa, apresentaram resistências.

O trabalho se desenvolveu a partir dos procedimentos metodológicos que, aos poucos, possibilitaram a aproximação das adolescentes com o livro, a ponto de confundirem ficção com realidade e de se personificarem, em processo de fruição plena. Nas rodas de conversa, as perguntas norteadoras do debate, como questionar sobre qual o assunto ou personagem que mais provocou interessou no grupo na leitura, foram fundamentais para garantir a motivação e curiosidade.

Ainda a respeito dos procedimentos metodológicos, é relevante refletir acerca desse processo, posto que a proposta inicial de solicitação de leitura antecipada aos encontros não fluiu. Somente após essa reflexão foi possível seguir alguns procedimentos que se mantiveram durante todo o processo. Destaca-se, assim, a importância da leitura em voz alta, possível a partir das rodas de leitura e escrita, o que favoreceu a reflexão crítica acerca dos temas e fotografias apresentadas no livro.

Acredita-se também que a leitura dessa obra propiciou às socieducandas momentos de reflexão sobre os contextos sociais nos quais se inserem, visto que partilharam das emoções vividas pelas pessoas que possuem problemas com moradia, refletiram acerca das pessoas boas que vivem nas favelas. Outro aspecto relevante evidenciado pelo grupo foi acerca dos preconceitos sofridos pelos moradores das favelas, dado que a representação social dos 'favelados' é costumeiramente traduzida como pessoas envolvidas com a criminalidade, o que termina por estigmatizar.

Por fim, verificou-se ainda, ao longo do estudo, número limitado de pesquisas na área de linguagem que estejam ambientadas em locais de encarceramento. Portanto, torna-se necessário que mais trabalhos adentrem os muros dos cárceres para viabilizar ações educativas.

Referências

- Almeida, L. P. (2014). A experiência total da leitura literária. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(2), 143-158. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672014000200011&lng=pt&tlng=pt
- Andrade, C. S., Torres-Filho, J. G., & Lima-Duarte, F. K. (2018). Escrita de memórias: um exercício de reflexão sobre a vida. *Revista Prática Docente*, 3(2), 445-452. Doi: 10.23926/RPD.2526-2149.2018.v3.n2.p445-452.id247
- Barthes, R. (1987). *A aula*. São Paulo, SP: Cutrix.

- Cosson, R. (2015). Letramento literário: uma localização necessária. *Letras & Letras*, 31(3), 173-187. Doi: 10.14393/LL63-v31n3a2015-11
- Cosson, R. (2017). *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo, SP: Contexto.
- Creswell, J. W. (2014). *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens* (3a ed.). Porto Alegre, RS: Penso.
- Evaristo, C. (2017). *Becos da memória*. Rio de Janeiro, RJ: Palla.
- Lima-Duarte, F. K., Gaia, R. & Torres Filho, J. (2017). Eu e meus eus: leitura e escrita de diário em uma Unidade de Internação Feminina. *Revista Letras Raras*, 6(3), 170-185. Doi: 10.35572/rlr.v6i3.859
- Paiva, V. L. M. D. O. (2019). *Manual de pesquisa em estudos linguísticos* (1a ed.). São Paulo, SP: Parábola.
- Rezende, N. L. (2018). Leitura e escrita literárias no âmbito escolar: situação e perspectivas. *Estudos Avançados*, 32(93), 93-105. Doi: 10.5935/0103-4014.20180032
- Rosito, V. (2008). Entre a história e a literatura, os becos da memória dos afro-descendentes. *Revista Via Atlântica*, nº 12. São Paulo: USP. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/viewFile/50193/54308>
- Rouxel, A. (2012). Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor? *Cadernos de Pesquisa*, 42(145), 272-283. Doi: 10.1590/S0100-15742012000100015
- Santos, R. A., & Inforsato, E. C. (2011). A aula: o ato pedagógico em si. *Caderno de formação: formação de professores*, 9, 80-85. Recuperado de <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/584/1/01d15t05.pdf>
- Schopenhauer, A. (2017). *A arte de escrever*. Porto Alegre, RS: L&PM.
- Silva, M. M. O. (2014). As mulheres de 'Becos da memória': reflexões sobre gênero e raça no ambiente da favela. In *Anais do II Congresso Nacional de Africanidades e Brasilidades* (p. 1-10). Vitória, ES: UFES. Recuperado de periodicos.ufes.br/cnafricab/article/download/9491/6504
- Todorov, T. (2000). *Los abusos de la memoria*. Madrid, ES: Ediciones Paidós Iberica.
- Torres-Filho, J. G., Lima-Duarte, F. K., & Gaia, R. (2017). Escrita diarista em uma unidade de internação feminina. In J. L. Pedrosa, M. M. Ferraz, & R. C. Pereira (Org.), *Letramentos em cena* (p. 617-628). João Pessoa, PB: Ideia.